

# *A Chave dos Sonhos e a Prática da Rememorização*

<http://www.filosofiaclinica.com.br/artigos/Contribui%C3%A7%C3%B5es/C%C3%A1ssia%20Regina.htm>

Foucault se utiliza de um texto de Artemidoro "A Chave dos sonhos", para averiguação de articulações e métodos utilizados na maneira de conhecer dos gregos. "A análise dos sonhos fazia parte das técnicas de existência. Já que as imagens do sono eram consideradas, pelo menos algumas dessas imagens, como signos de realidade ou mensagens do futuro, decifrá-las tinha um grande valor: uma vida racional não podia poupar-se desta tarefa." [1] Com efeito, o ato de sonhar estava relacionado a um encadeamento político, o homem virtuoso poderia ser reconhecido na constituição própria de seu sonho, ou seja, o indivíduo que jaz conquistado o equilíbrio não havia mais de ter sonhos desequilibrados como falta ou excesso, desejo ou medo. O que queremos acentuar aqui é que o cidadão grego cultivava como hábito essencial para existência analisar os sonhos, por valores interiores, colocando-os em revista frente às suas próprias experiências. Peira (experiência), é antes de tudo seu próprio testemunho.

O texto de Artemidoro revela uma diferença no modo de conhecer, mas não só, também uma diferenciação na maneira de promover este conhecimento correlacionando o ser político moral ao cuidado de si. Uma ética do sujeito que se distancia um pouco do cuidado de si dos estóicos e epicuristas, a qual Foucault trabalha no seu texto como sendo a época de Ouro. Nos séculos I, II, a.C. as práticas do auto-exame se estendem numa atividade de reflexão mais passiva. O cuidar de si exige não só um reconhecimento, mas um saber reconhecer a patogenia no interior de si mesmo, utilizar-se de regras e princípios que o auxiliem na prática do auto-exame, como atividade essencial para a rígida conduta no bom caminho. O racional haveria de se adequar ao saber. E como por ironia o cuidar de si há de ser voluntário, ou seja, o sujeito de vontade se torna sustentação de um aprendizado exterior, e é com essa desenvoltura que se relaciona enquanto sujeito de conhecimento. Numa palavra, na grade de análises válidas para o corpo e a alma, praticar a privação do que é considerado supérfluo é ato de necessidade, era essencial a abstinência em tudo o considerado excesso. Esse processo revela o trabalho do pensamento sobre ele mesmo, no intuito de examina-lo, controla-lo, e encaminha-lo no bom caminho. Tal postura está relacionada com regras de memorização.

Aqui podemos detectar uma necessidade do desvinculamento de si, numa atitude virtuosa, memorizar certas regras exteriores, e que vão compondo o cuidar de si. Apesar de envolver o mesmo termo, traz

consigo outras características que aos poucos se justapõem, dando uma dimensão mais deslocada para o ser ético e político.

A prática da memorização da pedagogia grega tinha por objeto princípios filosóficos fundamentais, inclusive um posterior desprendimento do educando. Na época de ouro, esta prática está relacionada à memorização de regras de conduta que devem permanecer sempre fixas na lembrança, permitindo ao indivíduo a sabedoria de escolher meios convenientes para manter o equilíbrio. Enquanto que a respectiva aplicação já na era cristã da prática da memorização, é no sentido de memorizar não só suas faltas, mas as leis que julgam-nas como pecado. E esta prática está orientada para constituição do eu sem qualquer continuidade com o sujeito de conhecimento ou de vontade. Mas antes, este jogo de verdade está definido pela sua correspondência com a realidade por uma tendência obrigacional, que por uma força estranha exterior aplica sobre si mesmo um “tu deves”. A memorização surge como adequação a realidade das leis impostas. E não mais com o objetivo de abrir no indivíduo um espaço onde a verdade pudesse surgir e atuar como uma força de vontade, através da presença da memória e da eficiência do discurso.

O conhecimento ou o cuidar de si na era cristã está voltado para o exterior do ser, ao invés da alma voltar sobre si mesma para encontrar sua natureza ( como em Platão), a ordem é prender o que se aprende com o mestre nas duas mãos, até que faça parte de nós, e possamos reconhecê-las como nossas verdades. Tais princípios se articulam muito relacionados ao modo de conhecer dos pagãos; diz Sêneca e Plutarco: “devemos voltar ao exterior em busca do discurso até fazer dele o nosso”. O que convém assinalar aqui, é a relação de dependência do discípulo em relação à seu mestre por toda vida.

Para Foucault, a paradoxalidade nas práticas do auto-exame e da confissão que constituíram o cuidado de si do indivíduo grego para o da era cristã é fundamental para nos determos nos pontos de transferência para a constituição do eu moderno.

Diz Foucault: “Ora através dessas modificações de temas preexistentes pode-se reconhecer o desenvolvimento de uma arte da existência dominada pelo cuidado de si. Essa arte de si mesmo já não insiste tanto sobre os excessos sobre os quais é possível entregar-se, e que conviria dominar para exercer sua dominação sobre os outros, ela sublinha cada vez mais a fragilidade do indivíduo em relação aos diversos males que a atividade sexual pode suscitar. Ela também sublinha a necessidade de submeter esta última a uma forma universal pelo qual está ligado e que para todos os humanos, se fundamenta ao mesmo tempo em natureza e em razão. Ela acentua igualmente a importância em desenvolver todas as práticas e todos os exercícios pelos quais pode-se manter o controle sobre si, e chegar no final das contas a um puro gozo de si. Não é a acentuação das formas de interdição que está na origem dessas modificações na moral sexual, é o desenvolvimento de uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si.”<sup>[2]</sup>

## BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. O texto “Modificações”.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. O texto “A Chave dos Sonhos”.

<sup>[1]</sup> FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Página 14.

<sup>[2]</sup> FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Página 234.

Desta vez tentaremos fazer uma exposição mais longa; quinzenalmente colocaremos a continuação deste texto, no intuito de desenvolver um estudo passível de discussão.

Pretendemos investigar, que transformações aconteceram, envolvendo a noção *arte da existência* enquanto possibilidade estética e política, tendo como fundamentação principal o texto Modificações (texto primeiro de O Uso dos Prazeres), e A Chave dos Sonhos (texto primeiro de O Cuidado de Si). E a partir dos termos *experiência e problematização*, privilegiar o *cuidado de si* enquanto atividade formadora do sujeito ético e político, tendo como via o homem moderno, retomando das atividades cristãs até Antiguidade grega.

Diz Foucault: “Mas ao colocar esta questão muito geral, e ao colocá-la à cultura grega e greco-latina, pareceu-me que essa problematização estava relacionada a um conjunto de práticas que certamente, tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar “artes da existência”. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas *artes de existência*, essas *técnicas de si*, perderam, sem dúvida, certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integrados no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico”.<sup>[1]</sup>

Com efeito é este o caminho: Através da noção deste termo *arte da existência*, que tentaremos pensar e localizar o cuidado de si, perpassando fragmentos de alguns momentos de discurso, costumes, hábitos, na busca do espaço ético tendo como princípio valores estéticos.

“Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma *experiência* tal , que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma *sexualidade* que abre para campos de conhecimento tão diversos, e que se

articula num sistema de regras e coerção. O projeto era portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência se entendermos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade, e formas de subjetividade.”<sup>[2]</sup>

Para pensar essa experiência, se entendermos nestes termos, Foucault considera necessário empreender cuidados envolvendo a noção de desejo ou de sujeito desejante. Este termo nos deixa próximo a um esquema teórico, mas vigente nos séculos XIX e XX, além de dar sustentação para trilhar o fio condutor que investiga: porque e sob que forma a atividade sexual toma uma dimensão de muita intensidade no campo moral? Porque esse tema acaba se tornando uma problematização?

Para tal empreendimento, Foucault se dispende em investigar “os jogos de verdade na relação de si para si, e a constituição de si mesmo como sujeito, tomando como espaço de referência e campo de investigação aquilo que poderia chamar-se *história do homem de desejo*; escolhendo como linha de busca, a nosso ver, aquele onde julgou estar a filosofia: “em torno da lenta formação, durante a Antiguidade, de uma hermenêutica de si”.

Pois bem, é por este retorno: da época moderna através do cristianismo, até Antiguidade, que tentaremos dar desfecho a nossa investigação sobre a *arte da existência*, tentando perceber sob quais jogos de verdade se constituiu o *cuidado de si* do homem moderno, e a partir de que práticas se reconhece na relação consigo mesmo, e na relação com o outro. Ou seja, o problema é: como são constituídos esses jogos de verdade que constroem o discurso no qual o EU é constituído e modificado por si próprio?

Foucault considera a via da história das idéias, como ponto privilegiado para realizar uma genealogia <sup>[3]</sup> do eu moderno. Fica certo que o caminho que Foucault percorreu não foi o da história dos fatos; mas muito mais uma história do cotidiano, dos acontecimentos, por uma tangente outra, por meio de uma genealogia que estuda a constituição do

conhecimento do sujeito através da história, a qual desencadeou na concepção do eu moderno.

Que transformações transparentes e de tamanha força, capazes de acontecer na fronteira entre a linguagem e o corpo, irrepresentável, irreduzíveis à proposições, que constituem sua corporeidade numa superfície incorpórea, não como divisão, mas como articulação, aconteceram na prática do auto-exame e da confissão, desde as práticas das atividades cristãs até a Antiguidade, e como estas práticas cruzam a vida do homem nos dias de hoje. Estas práticas parecem fundamentais para Foucault, na constituição do eu moderno.

Foucault destaca alguns pressupostos que delineiam melhor sua idéia. Por exemplo, o *Cuidado de si* na era cristã, era muito mais uma tecnologia cristã de si mesmo, voltada para uma auto-interpretação de si, do que um auto-exame no sentido de educar-se na antigüidade grega; a forma de asceticismo mudou, devido o *telos* ter mudado; o fim último para os gregos seria adquirir através da prática do “*conhece-te a ti mesmo*” uma existência bela, e num outro sentido, na era cristã o fim a alcançar seria a imortalidade. Por certo o *ethos* e as práticas de dizer a verdade sobre si não se espelharam no homem da Grécia antiga. A *hepimeleia heauto* (cuidado de si), fica obscurecido, a forma do conhecer-se a si mesmo na era cristã tem outro sentido. O corpo passa a ser um problema de interpretação por intervenção de leis obrigacionais como condição de ser salvo depois da morte, o corpo deve ser sacrificado, para a constituição de um eu puro, digno de ser libertado . E esses valores, ligados à moral por um intervencionismo obrigacional, acabaram por constituir um certo veio estético.

O conhecimento do homem grego tem como princípio e fim o educando; por exemplo, algumas práticas eram suscetíveis na *cultura de si* na Grécia antiga: era considerado um dever e uma técnica, uma obrigação fundamental, um conjunto de procedimentos envolvendo o *cuidar de si*, não só como uma simples preparação para a vida, mas como uma forma de vida. Esta formação ética é pré-requisito estético para existência do cidadão grego. O educador deve conduzir o educando

permitindo-lhe a eliminação dos maus hábitos, bem como desaprender era uma prática importante para formação de caráter crítico, sobretudo uma *cultura de si* ( corpo e alma) como função terapêutica. Essa função terapêutica, é uma obrigação moral para o indivíduo da polis.

*No próximo texto entraremos no estudo que Foucault faz do texto de Artemidoro : A Chave dos Sonhos, para averiguarmos como ele se utiliza do texto para entender articulações e métodos da maneira de conhecer dos gregos, e a continuação dessa passagem para a era cristã.*

## BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal,1984. O texto “Modificações”.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. O texto “A Chave dos Sonhos”.

<sup>[1]</sup> Foucault, Michel. História da Sexualidade 2; O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro :Edições Graal,1984. Texto: Modificações, pág,15.

<sup>[2]</sup> <sup>[2]</sup> Foucault, Michel. História da Sexualidade 2; O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro :Edições Graal,1984. Texto: Modificações, pág,10.

<sup>[3]</sup> Termo usado por Foucault que denomina : prática do cuidado de si.